

# A pedagogia histórico-crítica de Dermeval Saviani: breves considerações

Everton de Souza\*

## Resumo

Este texto tem como objetivo proporcionar um entendimento inicial sobre as principais ideias defendidas por Dermeval Saviani na construção de sua pedagogia. O texto encontra-se dividido em três tópicos principais: pressupostos históricos da pedagogia histórico-crítica; embasamento teórico da pedagogia de Saviani; críticas tecidas à pedagogia histórico-crítica. As referências utilizadas foram Saviani (2003; 2006; 2011; 2013); Mazzeu (2008); Santos (2018); Lavoura e Marsiglia (2015); Lazarini (2010); Duarte et al. (2011); Ramalho e Lucas (2015) e Pires (1997). Compreende-se que a pedagogia histórico-crítica surgiu no final da década de 1970, possui seu embasamento teórico no materialismo histórico-dialético e encontra dificuldade para ser aderida pelos sistemas escolares de ensino devido à resistência imposta pelas elites ao caráter transformador da pedagogia. Ao analisar as críticas tecidas à pedagogia histórico-crítica ressaltamos que essas mostram-se rasas, pouco fundamentadas e incapazes de descredibilizar os seus pressupostos.

Palavras-chave: Pedagogia Histórico-Crítica. Marxismo. Transformação Social.

## Introdução

Neste texto serão tecidas breves considerações sobre a pedagogia histórico-crítica de Dermeval Saviani. Temos como finalidade proporcionar um entendimento inicial sobre as principais ideias defendidas pelo autor na construção de sua pedagogia.

Os objetivos estabelecidos para este texto são: a) situar-se sobre a construção histórica da pedagogia histórico-crítica; b) compreender o embasamento teórico e as características desta pedagogia; c) situar-se sobre as críticas tecidas à pedagogia de Dermeval Saviani.

Para tanto, em um primeiro momento, realizamos uma breve contextualização histórica sobre a construção da pedagogia histórico-crítica, perpassando por momentos que foram determinantes para a sua formulação teórica. Em um segundo momento abordamos os pressupostos teóricos apresentando seus principais influenciadores, características e o caráter assumido – caráter de transformação das estruturas sociais vigentes – pela pedagogia histórico-crítica no âmbito educacional.

---

\* Graduado em Educação Física pela Faculdade Guairacá (FAG), mestrando em Educação pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC).  
E-mail: everton-sou@hotmail.com

Por fim, destacamos as principais críticas tecidas à pedagogia de Dermeval Saviani, as quais advêm não somente dos conservadores capitalistas que buscam controlar os sistemas produtivos e manter as estruturas da sociedade como estão, mas também de autores marxistas que ao realizarem seus apontamentos nem sempre fazem uma análise densa e aprofundada sobre as ideias defendidas por Saviani.

As principais referências utilizadas neste texto são as próprias produções de Dermeval Saviani (SAVIANI, 2003; SAVIANI, 2006; SAVIANI, 2011; SAVIANI, 2013). Outras referências que foram utilizadas são: Mazzeu (2008); Santos (2018); Lavoura e Marsiglia (2015); Lazarini (2010); Duarte et al. (2011); Ramalho e Lucas (2015) e Pires (1997). A escolha por essas referências se deu por elas oferecerem os subsídios necessários para atingirmos os objetivos estabelecidos para este trabalho.

## Pressupostos históricos da Pedagogia histórico-crítica

Para Saviani (2011), ao tratar da origem da pedagogia histórico-crítica, é necessário distinguir dois pontos. O primeiro ponto refere-se à necessidade emergente de um movimento pedagógico e o segundo trata da escolha por esta nomenclatura. Para o autor, enquanto movimento pedagógico, a pedagogia histórico-crítica surgiu pela necessidade de se encontrar meios alternativos para superar a pedagogia dominante da época.

O início da construção da pedagogia histórico-crítica se deu no fim da década de 1970. Ressalta-se que essa década foi marcada pelo surgimento das concepções críticas da educação. Saviani (2011) destaca que:

Isso correspondia a uma necessidade histórica, especialmente no caso brasileiro, onde tínhamos que fazer a crítica da pedagogia oficial, evidenciando o seu caráter reprodutor. Mas era um movimento que não estava vinculado apenas à situação brasileira. Era um movimento de caráter internacional, cujas teorias foram elaboradas no final da década de 1960 e no início da década de 1970 (SAVIANI, 2011, p. 111).

Saviani (2011) complementa que situa o surgimento dessas teorias como uma maneira de entender o pouco sucesso das manifestações do movimento de maio de 1968 e dos demais movimentos da década, os quais ficaram marcados por mobilizações das juventudes. De acordo com o autor, as escolas foram as instituições mais abaladas pelas manifestações por estarem vinculadas às novas gerações e por serem os cernes da educação.

Os movimentos da década de 1960 adquiriram “[...] as características de uma verdadeira rebelião social em que, através da revolução cultural, se tentava mudar as próprias bases da sociedade a partir dos setores jovens, tendo à frente os estudantes universitários [...]”. As proporções adquiridas pelos movimentos levaram muitos intelectuais como, por exemplo, Herbert Marcuse, Sociólogo e filósofo da Escola de Frankfurt, a considerar “[...] que o protagonismo revolucionário se teria deslocado do proletariado para a juventude” (SAVIANI, 2011, p. 111).

Como se sabe, a grande mobilização que desembocou na rebelião de maio de 1968 fracassou. E a questão que se pôs para os teóricos foi a de tentar explicar a razão desse fracasso. A meu ver, as teorias crítico-reprodutivistas surgem dessa tentativa, pois se a característica dessa mobilização era buscar revolucionar a sociedade por meio da cultura e, dentro da cultura, pela educação, vinha a questão: a cultura tem força para mudar a sociedade? A conclusão a que as referidas teorias irão chegar é que não. Não é a cultura que determina a sociedade. É, ao contrário, a sociedade que determina a cultura (SAVIANI, 2011, p. 113).

No Brasil, segundo Saviani (2011), as teorias crítico-reprodutivistas não se apresentavam como alternativa aceitável para a superação da pedagogia oficial reprodutora existente no período da ditadura militar. Logo, aumentaram as discussões sobre essas teorias objetivando compreender suas limitações. Para o autor, “[...] os limites das teorias crítico-reprodutivistas começam a evidenciar-se, pois vai ficando cada vez mais claro que a luta contra a ditadura também implicava a formulação de alternativas” (SAVIANI, 2011, p. 114).

A busca por novas teorias persistiu durante a década de 1970. Dermeval Saviani destaca que em um seminário de educação organizado na cidade de Campinas/SP, no ano de 1978, era claramente percebida a predominância do crítico-reprodutivismo. Contudo, a ANPED (Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação), o CEDES (Centro de Estudos Educação e Sociedade) e a ANDE (Associação Nacional de Educação), entidades criadas no fim da década de 1970, juntaram-se para organizar conferências brasileiras e acalorar as discussões sobre o tema (SAVIANI, 2011).

A I Conferência Brasileira de Educação, realizada em 1980, trouxe como uma das temáticas a busca por alternativas teóricas. Para Saviani (2011) tal fato “[...] também estava associado à situação política do país. Nesse período, a oposição ao Regime Militar já tinha conquistado algumas prefeituras e tinha feito experiências de políticas educacionais alternativas, como foi o caso de Lages e Piracicaba” (SAVIANI, 2011, p. 116). Com o restabelecimento das eleições diretas para governadores – as quais ocorreriam

em 1982 – iniciaram-se as campanhas, já em 1980, e foi um cenário propício para a apresentação de novas ideias e teorias, pois a oposição percebia a possibilidade de chegar ao poder nos estados e exigia-se deles a construção de uma política educacional ajustada aos discursos e ideias defendidas (SAVIANI, 2011).

Saviani (2011, p. 117) comenta que em um seminário realizado na Universidade Federal de São Carlos, em novembro de 1981, lhe foi perguntado “[...] se não seria conservador defender a pedagogia tradicional contra a Escola Nova”:

Respondi em tom jocoso: bem, isto é uma coisa que espero esclarecer em um outro texto que estou pensando em elaborar e que provavelmente se chamará “Para além da teoria da curvatura da vara”. De fato, no número 3 da Revista da Ande foi publicado, em 1982, o artigo “Escola e democracia II: para além da teoria da curvatura da vara”, que veio a constituir o capítulo III do livro *Escola e democracia*, cuja primeira edição é de 1983. Nesse texto, estão esboçadas as linhas básicas daquilo que posteriormente viria a ser chamado de pedagogia histórico-crítica, que, mantendo a terminologia utilizada no artigo anterior por razões polêmicas, aparecia com o nome de pedagogia revolucionária (SAVIANI, 2011, p. 117).

De acordo com Saviani (2011) seus alunos da PUC/SP passaram a cobrar uma disciplina para aprofundar as discussões sobre a pedagogia revolucionária. Segundo o autor, ele encontrou dificuldade para propor uma disciplina com esse nome, pois a palavra revolucionária remete a mudanças nas bases da sociedade, então foi necessário encontrar um termo mais adequado.

A primeira nomenclatura pensada por Saviani foi pedagogia dialética, mas optou por não utilizar devido aos múltiplos sentidos que essa denominação evocava. O autor chegou à conclusão de que a pedagogia histórico-crítica traduzia o que se estava pensando. Logo, “[...] a expressão histórico-crítica, de certa forma, contrapunha-se a crítico-reprodutivista” (SAVIANI, 2011, p. 119). Ambas são críticas, mas diferenciam-se por uma ser reprodutivista e a outra enraizar-se na história. Dessa maneira, em 1984, Saviani passou a lecionar a disciplina pedagogia histórico-crítica e desde então vem desenvolvendo essa corrente pedagógica (SAVIANI, 2011).

## **Embasamento teórico da Pedagogia**

Segundo Saviani (2003, p. 13), “[...] para a pedagogia histórico-crítica, educação é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens”. Para Mazzeu (2008), dessa maneira, a educação torna-se uma atividade de mediação entre o

indivíduo e a cultura, realizada de maneira intencional que visa assegurar o acesso dos alunos à universalidade de possibilidades oriundas do processo histórico de desenvolvimento da humanidade.

O embasamento teórico da pedagogia histórico-crítica se dá, principalmente, no materialismo histórico-dialético de Karl Marx. Nas palavras do criador da pedagogia histórico-crítica, esta pode ser considerada como sinônimo de pedagogia dialética, mas, ao se pensar nos fundamentos teóricos, a dialética da qual se trata é a do movimento real, das transformações, e não de uma dialética idealista, pois há a tendência em considerar a dialética idealista desconectada do histórico real construído pelo homem. Logo, os pressupostos da pedagogia histórico-crítica “[...] são os da concepção dialética da história. Isso envolve a possibilidade de se compreender a educação escolar tal como ela se manifesta no presente, mas entendida essa manifestação presente como resultado de um longo processo de transformação histórica” (SAVIANI, 2011, p. 80).

No livro *Escola e Democracia*, publicado em sua 38ª edição, em 2006, Saviani, ao comentar sobre as concepções metodológicas da pedagogia histórico-crítica, afirma:

Tais métodos situar-se-ão para além dos métodos tradicionais e novos, superando por incorporação as contribuições de uns e de outros. Serão métodos que estimularão a atividade e a iniciativa dos alunos, sem abrir mão, porém da iniciativa do professor, favorecerão o diálogo dos alunos entre si e com o professor, mas sem deixar de valorizar o diálogo com a cultura acumulada historicamente; levarão em conta os interesses dos alunos, os ritmos de aprendizagem e o desenvolvimento psicológico, mas sem perder de vista a sistematização lógica dos conhecimentos, sua ordenação e graduação para efeitos do processo de transmissão-assimilação dos conteúdos cognitivos (SAVIANI, 2006, p. 69).

Portanto, as concepções dessa pedagogia não estão centradas no aluno nem no professor, mas, sim, nas interações existentes entre ambos. Nessas interações devem ser considerados os conhecimentos historicamente construídos pelo homem e que compõem a cultura dos sujeitos, pois os alunos devem reconhecerem-se nos conteúdos trabalhados e nos modelos sociais apresentados para que, assim, consigam atribuir significados ao que é proposto pelo professor e, conseqüentemente, consigam ampliar a experiência enquanto ser social e passem a questionar de maneira crítica o mundo que os rodeia. Dessa forma, poderão produzir novos conhecimentos, dando, assim, continuidade no desenvolvimento da humanidade, visando a sua transformação. Para isso, a escola deve atender às demandas sociais e aos interesses populares, e não aos interesses das elites dominantes e dirigentes, cujos são os principais representantes do

capitalismo que escraviza as classes dominadas devido à cobiça por acumularem riquezas a todo custo.

A sociedade capitalista é, portanto, dividida em classes com interesses antagônicos. Desse caráter da estrutura social capitalista decorre que o papel da educação escolar será um se ela for posta a serviço do desenvolvimento do capital, portanto, a serviço dos interesses da classe dominante. E será outro, se ela se posicionar a favor dos interesses dos trabalhadores (SAVIANI, 2013, p. 26).

A pedagogia histórico-crítica, por possuir sua essência teórica, sobretudo no materialismo histórico-dialético de Marx, posiciona-se abertamente a favor dos interesses das classes dominadas e/ou dos trabalhadores, conforme aponta Saviani (2011, p. 26): “[...] daí, seu caráter de pedagogia contra hegemônica inserindo-se na luta pela transformação da sociedade atual”. Saviani (2011, p. 8-9) salienta que, de maneira resumida, a pedagogia histórico-crítica na educação escolar implica em:

- a) Identificação das formas mais desenvolvidas em que se expressa o saber objetivo produzido historicamente, reconhecendo as condições de sua produção e compreendendo as suas principais manifestações, bem como as tendências atuais de transformação.
- b) Conversão do saber objetivo em saber escolar, de modo que se torne assimilável pelos alunos no espaço e tempo escolares.
- c) Provimento dos meios necessários para que os alunos não apenas assimilem o saber objetivo enquanto resultado, mas apreendam o processo de sua produção, bem como as tendências de sua transformação.

A transformação das condições sociais alienantes e escravizantes em que vivemos por meio de uma educação crítica e conscientizadora é um dos eixos centrais da pedagogia histórico-crítica. Certamente uma pedagogia com essa proposta não agrada a quem deseja manter o funcionamento do sistema de exploração exercido pelo capitalismo. Saviani (2013, p. 26) destaca que é necessário “[...] vencer a resistência daqueles (a classe dominante) cujos interesses implicam a manutenção, consolidação e perpetuação da forma atual de sociedade”.

Devido aos seus interesses as classes dominantes visam a conservação das estruturas sociais presentes na atualidade e buscam evitar que as contradições estruturais da sociedade sejam expostas. Portanto, é de interesse das classes dominantes frear o processo histórico de transformação dos níveis conjunturais para que esses processos não gerem nova estrutura social que dê aos dominados a consciência de sua força coletiva. Já para a classe dos dominados, ou seja, dos

trabalhadores, o interesse é de aceleração do processo histórico porque o que interessa às classes exploradas pelo capitalismo é a transformação dessa estrutura, então se faz necessário “[...] construir um tipo de sociedade que os liberte da situação de dominação” (SAVIANI, 2013, p. 27). Segundo Santos (2018), para a pedagogia histórico-crítica, a escola é resultado dos determinantes sociais, logo, é influenciada por interesses opostos, seja de quem quer manter a estrutura opressora, seja de quem quer transformar a realidade.

## Críticas tecidas à Pedagogia histórico-crítica

Seria ingenuidade pensar que uma pedagogia da educação que traz em suas raízes fundamentos do marxismo seria bem aceita pelos conservadores brasileiros; por isso a pedagogia histórico-crítica constantemente é alvo de ataques pouco fundamentados. Para Lavoura e Marsiglia (2015) as críticas realizadas à pedagogia histórico-crítica são oriundas, principalmente, de representantes das elites dominantes que são defensores de pedagogias tradicionais que se caracterizam por não questionarem as estruturas sociais. Todavia, os autores destacam que as críticas também vêm de autores do campo marxista, em que alguns afirmam que a pedagogia histórico-crítica se aproxima das teorias tradicionais por defenderem a transmissão dos conteúdos.

Para Lavoura e Marsiglia (2015) essas críticas de marxistas surgem pela incompreensão do método pedagógico da pedagogia histórico-crítica. Os autores complementam que “[...] quão distante nos parece a pedagogia histórico-crítica das ditas ‘teorias tradicionais do currículo’ e quão simplista nos parece o argumento de que defender a transmissão de conhecimento seja compartilhar de uma ‘educação bancária’” (LAVOURA e MARSIGLIA, 2015, p. 358-359).

Uma das severas críticas feitas à pedagogia histórico-crítica de Saviani é observada na tese de doutorado de Ademir Lazarini (LAZARINI, 2010), em que o autor afirma que há incoerência nas interpretações de Saviani a respeito das relações entre o capital e a educação, conforme pode ser observado no trecho abaixo:

[...] procurarei demonstrar neste estudo é que Saviani comete erros decisivos em relação a sua principal referência teórica, e esses erros comprometem pela raiz as suas principais teses acerca da relação entre capital e educação formal. Como decorrência desses equívocos, suas principais proposições educacionais, em regra, apresentam incongruências e, no limite, entram em contradição com o projeto histórico socialista que o autor pretende defender (LAZARINI, 2010, p. 35).

Em sua tese, Lazarini (2010) dedica-se incansavelmente a evidenciar que Saviani está equivocado em suas proposições teóricas no que tange à formulação da pedagogia histórico-crítica e à relação desta com os pressupostos marxistas e, para isso, ele se apoia em autores como István Mészáros e Ivo Tonet.

Após a defesa e a divulgação da tese de doutorado de Lazarini (LAZARINI, 2010), Newton Duarte, um dos maiores estudiosos da pedagogia histórico-crítica, junto a outros três colaboradores (DUARTE et al., 2011) dedicaram-se a analisar a fundo a tese de Ademir Lazarini para compreenderem o que levou o autor a chegar a tal conclusão sobre a principal obra de Saviani. O resultado dessa análise foi publicado em um artigo, em abril de 2011, na Revista HISTEDBR, com o título “A Pedagogia Histórico-Crítica e o Marxismo: Equívocos de (mais) uma crítica à obra de Dermeval Saviani”.

No artigo publicado por Duarte et al. (2011, p. 39) os autores deixam claro que Lazarini (2010) “[...] considera necessário combater a pedagogia histórico-crítica em nome do marxismo e do socialismo, já que os equívocos dessa pedagogia teriam graves consequências”. No decorrer da análise da tese, Duarte et al. (2011) encontraram sérios equívocos na construção das críticas realizadas à pedagogia histórico-crítica e a carência de entendimento acerca do materialismo histórico-dialético por Ademir Lazarini.

Ramalho e Lucas (2015), em artigo publicado no EDUCERE (Congresso Nacional de Educação), trazem as principais críticas e defesas que são comumente realizadas à pedagogia histórico-crítica, conforme o quadro abaixo:

Quadro 1 – Pedagogia histórico-crítica: críticas e defesas (continua)

Tema	Crítica	Defesa
Forma e conteúdo	Consideram-na conteudista	Saviani destaca a necessidade de o saber elaborado e/ou científico transformar-se em saber escolar para que os alunos possam, dessa forma, a ele ter acesso. Isso quer dizer que tanto a forma como o conteúdo são importantes.
Socialização e produção do saber	Socialização é retornar a Durkheim	A socialização buscada é a dos meios de produção, dominados pela burguesia, pautada na propriedade privada. E não a socialização proposta por Durkheim de que a escola é socializadora.

### Quadro 1 – Pedagogia histórico-crítica: críticas e defesas (conclusão)

Saber e consciência	Criticam-na por dar mais importância à aquisição do saber do que à consciência crítica	Não há outra forma de adquirir o saber se não for de maneira consciente. Conforme os trabalhadores dominam o meio de produção do saber, aumentam seu nível de consciência.
Saber acabado e saber em processo	Considera o saber como algo pronto e acabado	O saber é construído socialmente, sendo assim, impossível ser pronto, ele sofre transformações ao longo da história, porém não é preciso sempre reinventá-lo toda vez, pois já está previamente construído.
Saber erudito e saber popular	O saber erudito é exclusivo da classe dominante e o saber popular é exclusivo da classe trabalhadora	O saber popular é aquele que todos têm acesso, isso significa que o saber erudito também pertence à população. Trata-se de oportunizar todos os saberes a todas as classes.

Fonte: Ramalho e Lucas (2015) com base em Saviani (2008).

Compreendemos que as críticas tecidas à pedagogia histórico-crítica necessitam ser melhor fundamentadas. Os questionamentos realizados pelos conservadores capitalistas, os quais pretendem manter as estruturas sociais como estão, não são suficientes para descredibilizar as teorias defendidas por Saviani e pelos estudiosos que se dedicam a aperfeiçoar essa pedagogia. Há de se destacar a necessidade de um grande aprofundamento teórico sobre o método histórico-dialético e sobre a pedagogia de Dermeval Saviani, antes de serem tecidas críticas contrárias à pedagogia histórico-crítica, para que isso não se torne algo banal e descabido.

### Considerações finais

A pedagogia histórico-crítica apresenta a transformação das estruturas da sociedade como um dos seus pilares. Essa transformação perpassa por processos educativos que possibilitam aos educandos a sua construção enquanto sujeitos críticos, questionadores e transformadores da realidade por meio da apropriação, assimilação e reconstrução dos conhecimentos construídos historicamente pela humanidade.

Por possuir um caráter transformador a pedagogia histórico-crítica não possui muito espaço nas escolas brasileiras, as quais privilegiam metodologias tradicionais devido às legislações serem construídas pelas elites dirigentes, cujas dão pouca, ou nenhuma, voz aos pesquisadores e aos profissionais da educação ao formularem os documentos que regem o sistema educacional brasileiro. Compreende-se, então, que as elites dirigentes se mostram mais preocupadas em atender aos interesses do capitalismo do que em propor mudanças para o cenário educacional degradante que se vê no país.

## Referências

- DUARTE, N. *et al.* A pedagogia histórico-crítica e o marxismo: Equívocos de (mais) uma crítica à obra de Dermeval Saviani. **Revista HISTEDBR Online**, Campinas, v. 11, n. 41e, p. 38-57, abr. 2011.
- LAZARINI, A. Q. **A relação entre capital e educação escolar na obra de Dermeval Saviani**: apontamentos críticos. 2010. 528 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.
- LAVOURA, T. N.; MARSIGLIA, A. C. G. A pedagogia histórico-crítica e a defesa da transmissão do saber elaborado: apontamentos acerca do método pedagógico. **PERSPECTIVA**, Florianópolis, v. 33, n. 1, p. 345-376, jan./abr. 2015.
- MAZZEU, L. T. B. Pedagogia histórico-Crítica e a formação de professores: proposições e categorias. 31ª REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 2008, Caxambu, **Anais...** 2008.
- PIRES, M. F. C. O materialismo histórico-dialético e a educação. **Revista Interface – Comunicação, Saúde, Educação**, Botucatu, v. 1, n. 1, 1997.
- RAMALHO, M. P.; LUCAS, M. A. O. F. Primeiras impressões sobre a pedagogia histórico-crítica: sua importância para a formação docente inicial. XII EDUCERE/Congresso Nacional de Educação, 2015, Curitiba, **Anais...** Curitiba: PUCPR, 2015.
- SANTOS, R. E. O. Pedagogia histórico-crítica: que pedagogia é essa? **Revista Horizontes**, Itatiba, v. 36, n. 2, p. 45-56, maio/ago. 2018.
- SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica**: primeiras aproximações. 8. ed. Campinas: Autores Associados, 2003.
- SAVIANI, D. **Pedagogia Histórico-Crítica**: primeiras aproximações. 10. ed. Campinas: Autores Associados, 2008.
- SAVIANI, D. **Escola e democracia**. 38. ed. Campinas: Autores Associados, 2006.
- SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica**: primeiras aproximações. 11. ed. Campinas: Autores Associados, 2011.

*Pesquisas em Educação: uma conversa com os clássicos e com a Teoria Crítica da Sociedade*  
A pedagogia histórico-crítica de Dermeval Saviani: breves considerações

SAVIANI, D. A pedagogia histórico-crítica, as lutas de classe e a educação escolar. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, Salvador, v. 5, n. 2, p. 25-46, dez. 2013.